

A REFUTAÇÃO DO RELATIVISMO

John Rogers Searle

Professor da Universidade da Califórnia em Berkeley, nos Estados Unidos.
Grande pensador da atualidade, um dos líderes na área da Filosofia da Mente.

E-mail: searle@cogsci.berkeley.edu.

Resumo: Neste artigo, o autor propõe uma refutação sumária do relativismo alético, para além do tradicional argumento da "autocontradição". Através de um estudo analítico de diferentes proposições de natureza relativista, Searle sustenta que uma exposição consistente do relativismo conduz, inevitavelmente, ou a um regresso ao infinito vicioso, ou a uma forma de solipsismo – porque o relativismo alético implica, por conta do desapeamento, o relativismo ontológico. Ou seja, levado às suas últimas consequências, o relativismo torna a existência da própria realidade dependente de um ponto de vista.

Palavras-chave: Relativismo. Relativismo alético. Realismo. Verdade. Desapeamento.

Abstract: In this article, one of the present's main philosophers proposes a clear and summarious refutation of the aletical relativism, towards beyond the traditional argument of "self-contradiction". Searle maintains that a consistent exhibition of relativism, inevitably leads to a return to the perverse infinite, or to a way of solipsism – because due to the desapeament, the aletical relativism implies the ontological relativism. In other words, taken to its ultimate consequences, the relativism makes the existence of reality itself dependent of a point of view.

Keywords: Relativism. Aletical relativism. Realism. Truth. Desapeament.

Resumen: En este artículo, uno de los principales filósofos de la actualidad propone una refutación clara y sumaria del relativismo alético, más allá del argumento tradicional de la "autocontradicción". Searle sostiene que una exposición consistente del relativismo conduce, inevitablemente, o a un regreso al infinito vicioso, o a una forma de solipsismo – porque el relativismo alético implica, debido

al desapeamento, el relativismo ontológico. O sea, llevado a sus últimas consecuencias, el relativismo torna la existencia de la propia realidad dependiente de un punto de vista.

Palabras clave: Relativismo. Relativismo alético. Realismo. Verdad. Desapeamento.

Sommario: In questo articolo, uno dei principali filosofi di oggi offre una smentita chiara e breve del relativismo aletico, con motivi che vanno oltre il solito argomento dell'auto-contraddizione. Searle afferma che una buona esposizione del relativismo porta, inevitabilmente, o a un ritorno del vizioso infinito, o a una forma di solipsismo - perché il relativismo aletico include, a causa del desapeamento, un relativismo ontologico. Vale a dire, considerando le conseguenze finali, che a causa del relativismo, la realtà stessa diventa dipendente di un punto di vista.

Parole chiave: Relativismo. Relativismo aletico. Realismo. Verità. Desapeamento.

Résumé: Dans cet article, un des principaux philosophes de l'actualité propose une brève et claire réfutation du relativisme aléthique, au-delà de l'argument traditionnel de "l'autocontradiction". Searle soutiens qu'une exposition consistante du relativisme conduit, nécessairement, ou vers une régression à l'infini vicieux, ou vers une forme de solipsisme - parce que le relativisme aléthique implique, à cause du desapeament, le relativisme ontologique. C'est-à-dire, conduit à ses dernières conséquences, le relativisme rend l'existence de la réalité même dépendante d'un point de vue.

Mots-clés: Relativisme. Relativisme Aléthique. Réalisme. Vérité. Desapeament.

Existem muitas versões diferentes do relativismo, das quais três exemplos são: relativismo ético, relativismo conceitual e o relativismo epistêmico. Neste artigo, estarei interessado apenas em uma versão: o relativismo quanto à verdade¹. Como uma formulação preliminar, definirei o relativismo quanto à verdade do seguinte modo: o relativismo é a teoria que sustenta que a verdade (ou a falsidade) de qualquer proposição é sempre relativa a certos tipos de atitudes psicológicas por parte da pessoa que afirma, acredita ou de algum outro modo julga a verdade dessa proposição. Isso é um pouco amplo e vago, mas creio que a ideia esteja suficientemente clara. Uma proposição que eu afirmo seria verdadeira apenas relativamente aos meus interesses ou ao meu ponto de vista. Portanto, de acordo com o relativismo assim definido, uma proposição pode ser verdadeira para mim, mas falsa para você. O relativismo é, pois, mais do que uma tese sintática que reivindica que os enunciados com a forma “S é verdadeiro” são enunciados relacionais disfarçados. Poder-se-ia argumentar que tais enunciados, embora tenham, em sua gramática superficial, uma forma de sujeito-predicado, são, de fato, enunciados relacionais que comportam dois argumentos. Não teriam a forma “a é f”, e sim “aRb”. Isso é alegado, por exemplo, pela teoria correspondencial da verdade: o enunciado p é verdadeiro se e somente se p corresponde a um fato. Isso nos dá uma visão relacional sobre a verdade, mas não é uma visão relativista sobre a verdade, como eu estou usando esta noção, ou mesmo como ela é comumente compreendida por aqueles que se pensam relativistas.

O relativismo quanto à verdade, assim compreendido, se opõe ao absolutismo quanto à verdade. Definirei o absolutismo como a teoria segundo a qual há um número grande de proposições verdadeiras cuja verdade não depende, de modo algum, dos sentimentos e atitudes das pessoas que afirmam ou avaliam essas proposições. Deliberadamente uso a palavra “absolutismo” por ser politicamente incorreta em sugerir certas conotações “opressivas”. Creio que isso seja, de certo modo, apropriado, porque a verdade é frequentemente opressiva,

¹ O relativismo quanto à verdade é, muitas vezes, também chamado de *relativismo alético* (nota do tradutor).

no sentido em que há muitas verdades nas quais preferiríamos não acreditar, ou que preferiríamos não aceitar, como a verdade de que todas as pessoas que nós mais amamos vão morrer.

Há uma refutação padrão do relativismo, que é, penso eu, poderosa. É mais ou menos assim: você não pode nem enunciar o relativismo sem negá-lo. Suponhamos que você diga:

1. Toda verdade é relativa aos interesses e à perspectiva da pessoa que a alega.

Ou:

2. Não há verdades universalmente válidas.

Ou:

3. Não há verdades absolutas.

Parece que, em cada caso, você têm que dispensar o enunciado do escopo de sua própria aplicação. Mas aí você desistiu de sustentá-lo, porque o enunciado deveria ter uma aplicação universal. 1 deve ser interpretado de modo que, se eu o aceito, não preciso aceitar nenhum enunciado de verdade que não for de meu interesse. Mas então o que me preveniria de pensar que não é de meu interesse aceitar 1?

A dificuldade com 2 e 3 é ainda mais óbvia. Será que 2 deve ser interpretado como se se aplicasse a si próprio ou não? Das duas maneiras, você estará sendo inconsistente. Se você disser que não existem verdades universalmente válidas exceto a verdade de que não há verdades universalmente válidas, então você já permitiu uma exceção e não deu nenhuma razão para supor que não poderiam haver outras. Se disser que não existem verdades universalmente válidas, nem sequer a afirmação de que não há verdades universalmente válidas, então você se contradisse, porque alegou que essa afirmação é e não é universalmente válida.

Tais argumentos parecem poderosos, e não vejo como um relativista poderia respondê-los. Até bem recentemente o relativismo era majoritariamente propugnado por adolescentes, ou por outras pessoas inspiradas por Nietzsche e outras figuras excluídas do centro da vida intelectual. Recentemente, entretanto, o relativismo parece ter se erguido

como parte do movimento pós-modernista. Por que os relativistas não estão preocupados com a incoerência da sua posição? Não sei dizer ao certo, mas acho que é porque eles pensam possuir um importante insight, que não é afetado por essas inquietações lógicas. Esse insight tem a ver com o caráter perspectivo de todas as afirmações de conhecimento. A ideia é que todas as afirmações são feitas a partir de um ponto de vista, a partir de uma perspectiva qualquer, e não existiria nenhuma perspectiva superior ou principal, a partir da qual se poderia julgar todas as outras. A relatividade das perspectivas é tudo de que os relativistas precisam, e o fato de que o juízo “todos os juízos são perspectivos” seja, ele próprio, perspectivo, não lhes parece ser uma refutação decisiva.

Penso que a situação do relativismo seja muito pior do que os relativistas e as outras pessoas dizem. O problema não é que você não pode enunciá-lo coerentemente, o problema é que, se você for um relativista coerente, você não pode enunciar nada coerentemente. Suponha que você queira dizer que está chovendo, ou que dois mais dois é igual a quatro, ou que Denver é a capital do Colorado ou basicamente qualquer outra coisa. Como você o faria se fosse um relativista? Suponha que você diga que está chovendo (aqui e agora). Em uma interpretação normal, você estaria dizendo que está chovendo, em oposição a não estar chovendo. Isto é, a sua elocução delimita um certo território no espaço das possibilidades, e, com isso, exclui outros territórios. É isso que você pretende quando diz que está chovendo. Mas como isso seria se você fosse um relativista? Nesse caso, você deve querer dizer pela sua elocução de “Está chovendo” o seguinte:

– “É verdade que está chovendo, mas essa verdade é relativa ao meu ponto de vista. Então é verdade para mim, mas pode não ser verdade para você”.

E o que vale para a chuva, vale para todos os outros casos. Se, por exemplo, digo “ $2+2=4$ ”, o que eu realmente quero dizer é “É verdade que $2+2=4$, mas essa verdade é relativa às minhas próprias opiniões. Então é verdade para mim, mas pode não ser

verdade para você". E assim será em todos os outros casos. Mas agora encontramos, imediatamente, uma dificuldade com a lei lógica segundo a qual para cada enunciado S o enunciado será verdadeiro se e somente se P, onde por S você substitui uma expressão identificando o enunciado e por P você substitui o próprio enunciado. Assim, para tomar um exemplo famoso, "A neve é branca" é verdadeiro se e somente se a neve é branca. Essa lei é comumente chamada de *desaspeamento*², porque a sentença ou enunciado citado no lado esquerdo ocorre no lado direito sem as aspas, *desaspeada*, portanto.

A dificuldade é que o *desaspeamento* torna, não apenas a verdade, mas a própria chuva, e tudo o mais, relativo a mim. Então eu teria que dizer:

- Está chovendo, mas apenas relativamente ao meu ponto de vista. (C Meu PV).

E isso é consistente com:

- Não está chovendo, relativamente ao seu ponto de vista. (¬C Seu PV).

Uma vez que você me conceda que a verdade é relativa a mim, pode-se, por causa do *desaspeamento*, atribuir a existência a qualquer coisa, desde que relativamente a mim. A relatividade da verdade implica, imediatamente, a relatividade da realidade. Não há uma posição intermediária do relativismo quanto à verdade ou do relativismo semântico entre o absolutismo e o relativismo ontológico, a visão segundo a qual tudo o que há existe apenas relativamente aos meus sentimentos e atitudes. O relativista tem de desistir da ideia de que, quando ele diz que está chovendo, ele quer dizer que está de fato chovendo, em oposição a não estar chovendo, porque está apenas chovendo relativamente ao seu ponto de vista, e talvez não esteja relativamente ao meu.

² A expressão inglesa usada é "disquotation", que é comumente traduzida para o português como "descitação". Essa lei é também chamada de Convenção T ou bicondicional de Tarski, em homenagem ao lógico polonês Alfred Tarski, que a formulou como a condição material de adequação para qualquer teoria da verdade (nota do tradutor).

O relativista começou com o insight aparente de que o mundo real só poderia ser descrito a partir de pontos de vistas diferentes. O quadro inicial sustentava que havia um mundo real, mas as nossas representações desse mundo sempre seriam relativas a um ponto de vista, porque toda representação se dá a partir de um ponto de vista qualquer; e isso deveria resultar em um relativismo sobre a verdade, mas não em um relativismo sobre a realidade. Porém, agora ele precisa desistir da sua ideia inicial, segundo a qual haveria um mundo real que pode ser descrito por este ou aquele ponto de vista, porque se a verdade é relativa ao seu ponto de vista, então o desaspeamento torna o mundo real dependente do seu ponto de vista.

Ora, ele não poderia simplesmente aceitar isso? Não é isso o que o relativista realmente deveria querer – que toda a realidade existisse apenas a partir do seu próprio ponto de vista? Não seria esta uma posição coerente?

Não penso que seja. Bem como não há nenhuma posição coerente do relativismo semântico ou alético entre o absolutismo e o relativismo ontológico, não há nenhuma posição coerente do relativismo ontológico que evite o total solipsismo. Isso porque as próprias pessoas com pontos de vista e os próprios pontos de vistas precisariam, agora, ser relativizados a um ponto de vista.

Se você voltar atrás e olhar para a nossa definição inicial de relativismo, verá que a ideia era definir a verdade apenas relativamente às pessoas e aos seus pontos de vista. Descobrimos, depois, que o relativismo sobre a verdade implica o relativismo sobre a realidade. Mas a suposição inicial por trás da nossa definição era que havia de fato pessoas com diferentes pontos de vista, e essa era uma suposição absoluta. Agora descobrimos que o relativismo não autoriza a existência absoluta de coisa alguma, nem mesmo das pessoas e dos pontos de vista. Então, quando o relativista diz:

- Tanto você quanto eu existimos com nossos pontos de vista, e do meu ponto de vista está chovendo, ainda que talvez não esteja segundo o seu ponto de vista.

Ele deve querer dizer que:

- Você e o seu ponto de vista só podem existir segundo o meu ponto de vista.

O que está havendo aqui? Acho que é o seguinte. O relativista gostaria de reduzir todas as elocuições à expressões de preferências. O modelo é que, por exemplo, o enunciado “chocolate é gostoso”, dito por mim, não precisa ser inconsistente com o enunciado “chocolate não é gostoso”, dito por você, porque posso querer dizer que chocolate é gostoso para mim, e você pode querer dizer que chocolate é gostoso para você, e não há nisso nenhuma inconsistência. O gosto bom dos chocolates só existe relativamente aos provadores. Ora, por que não podem todas as elocuições ser assim? Por que “está chovendo” não pode ser lida como “está chovendo para mim”, e ser, portanto, consistente com “não está chovendo para você”, exatamente como o gosto de chocolate?

A resposta é bastante simples. A relatividade do gosto bom do chocolate só faz sentido dada existência absoluta dos provadores e das suas experiências, agradáveis ou desagradáveis, ao provar chocolate. Quando você diz que chocolate é gostoso, isso é relativo (presumimos que é isso que você quer dizer). Mas quando diz que chocolate é gostoso para mim, identificando, assim, a relatividade da primeira afirmação, a afirmação da relatividade não pode, ela própria, ser relativa. Se for relativa, não poderá fundamentar a relatividade da primeira afirmação. Há um ponto importante que gostaria de deixar totalmente explícito: a relatividade em questão, relatividade à preferências, atitudes, etc., só é inteligível se houver algo que não é relativo. Faz sentido dizer que minha elocução de “chocolate é gostoso” é verdadeira relativamente a mim, mas só porque a minha existência e o modo como o chocolate parece para mim são absolutos. Não há nada de relativo acerca de nenhum dos dois.

Para ver o deslize do relativismo à incoerência, acompanhem os seguintes passos:

1. Admita que toda verdade é relativa às preferências daqueles que a afirmam. Se S afirmar p, p é verdadeira só relativamente aos interesses de S.
2. Por causa do desapeamento, se a verdade é relativa, a realidade é relativa.
3. Se a realidade é relativa, ela deve ser relativa à existência de pessoas e preferências.
4. Mas se tudo é relativo, a existência de pessoas e preferências tem de ser, ela própria, relativa.

Relativa a que? Há duas possibilidades. Ou dizemos (a) que as pessoas e preferências existem apenas relativamente às pessoas e preferências ou dizemos (b) que, do meu ponto de vista, que é o único ponto de vista ao qual tenho acesso, as pessoas e preferências só existem relativamente a mim. Reflitamos sobre cada uma dessas alternativas. Consideremos (a) primeiro.

Proposição 1: Está chovendo.

Isso tem de ser interpretado como:

Proposição 2: Está chovendo, mas apenas relativamente à preferência₁.

Mas, é claro, a Proposição 2 é tão relativa quando a 1. Só pode, pois, ser interpretada como:

Proposição 3: A Proposição 2 é verdadeira mas apenas relativamente à preferência₂.

Isto é, está chovendo relativamente à preferência₁, mas só relativamente à preferência₂.

Mas a Proposição 3 tem de ser, ela própria, relativa, conforme afirma a:

Proposição 4: A Proposição 3 é verdadeira, mas só relativamente à preferência₃.

Logo, está chovendo relativamente à preferência₁, relativamente à preferência₂, mas só relativamente à preferência₃.

O regresso ao infinito segue-se automaticamente. Por que é um regresso vicioso? Porque ele tornaria impossível afirmar qualquer coisa. Para todo enunciado relativista, deveria haver sempre um outro enunciado “por trás”, gerando a sua interpretação relativista, mas esse outro enunciado também precisaria, tanto quanto o primeiro, de uma interpretação relativista.

Tentemos, então, a possibilidade (b). Se a verdade, para mim, é relativa às minhas preferências, e, portanto, tudo o que existe, existe apenas relativamente às minhas preferências, então você e suas preferências só existem relativamente às minhas preferências. Isso é solipsismo. O meu solipsismo é coerente, mas torna impossível dizer qualquer coisa a qualquer outra pessoa porque não existem outras pessoas e nenhuma linguagem pública em que eu poderia falar. E o seu solipsismo é imediatamente refutado por mim, porque a minha existência é absoluta, e não relativa às preferências minhas ou de qualquer outra pessoa. Um relativismo consistente tornaria impossível afirmar qualquer coisa porque não haveria fim, haveria, de fato, um regresso ao infinito vicioso de relativismos em relativismos. O modo de escapar disso, que está implícito no ponto de vista em primeira pessoa do relativista, é insistir que o relativismo termina na existência e nas preferências do relativista. Mas isso é uma forma de solipsismo, porque todo mundo existiria apenas relativamente à existência e às preferências dele.

Mas por que, então, não poderia o relativista ser mais democrático? Por que ele não poderia parar à meio caminho e dizer “Bem, o que é verdade para mim, é verdade relativamente às minhas preferências. E o que é verdade para você, é verdade relativamente às suas preferências. Mas já que todos fomos criados iguais, todos temos direito de termos nossas preferências”? O problema é que isso seria uma negação explícita do relativismo. Seria uma forma de absolutismo. Essa visão afirma que as pessoas e as preferências tem uma existência absoluta, e não relativa. Mas, então, se as pessoas e as preferências tem uma existência absoluta, por que não todas as

outras coisas, como as montanhas, as cachoeiras, as tempestades e os números primos? Se eu aceito que você tem uma existência absoluta, por que não as suas roupas, sua casa, seu carro, seu cachorro e um monte de outras coisas?

Tradução de Giuseppe Varaschin³

³ Artigo gentilmente traduzido por Giuseppe Varaschin, que está concluindo a graduação em Letras Português na Universidade Federal de Santa Catarina, pesquisadora na área de Filosofia da Linguagem e Pragmática. E-mail: giuseppe.varaschin@gmail.com.